



MAPEANDO AS TEORIAS DE REDE NOS GRUPOS DE PESQUISA NO BRASIL

MAPPING NETWORK THEORIES IN RESEARCH GROUPS IN BRAZIL

Andrieli Diniz Vizzoto ⁽¹⁾

Gabriela Beltrame ⁽²⁾

Universidade Federal de Santa Maria/UFESM, Santa Maria/RS

RESUMO

A temática de cooperação em redes está em crescente ascensão no cenário brasileiro, representada por um significativo número de publicações, com destaque para as vantagens da colaboração em redes, tendo como um exemplo a obra de Balestrin, Verschoore e Reyes Junior (2010). Para esta pesquisa, considera-se as 10 abordagens teóricas propostas por Araujo e Easton (1996). Baseado nessas abordagens, tem-se como objetivo identificar quais conceitos teóricos são empregados por grupos brasileiros que pesquisam sobre redes. Os sete grupos de pesquisa abordados, formalmente cadastrados no CNPQ e com publicações recentes no tema, tiveram seus artigos do período de 2013 a 2015 selecionados para leitura e classificação. Após a análise, 101 artigos foram considerados para a pesquisa. Com a leitura e posterior análise é possível concluir que dentro das 10 abordagens de redes, propostas por Araujo e Easton (1996), os grupos de pesquisa dominam o tema relativamente devido à quantidade de estudos que propiciam um maior conhecimento do tema. É plausível dizer que alguns temas são recorrentes em quase todos os grupos, podendo ser compreendidos como temas de interesse em comum, sugerindo que possíveis parcerias de estudo e pesquisas podem ser profícuas para os grupos de pesquisa no Brasil, como: Redes Sociais, Redes Organizacionais, Redes Interorganizacionais e Economia Geográfica.

Palavras-chave: redes sociais; redes interorganizacionais; grupos de pesquisa.

ABSTRACT

Cooperation in networks is at a peak moment in the Brazilian scenario, with a large number of books and articles on the subject, specially showing the advantages of network collaboration, such as Balestrin, Verschoore and Reyes Junior (2010). This study aims to identify the concepts used by Brazilian research groups which currently research on the network topic, according to different approaches. From the groups, designated through their CNPQ form (07 groups were formally found with recent studies on the topic), the articles published from 2013 to 2015 were selected. Through this analysis, it was possible to decide among the 10 possible approaches proposed by Araujo and Easton (1996) and conclude that there are many articles published by the groups in the latest years (101), it is even possible to say that these groups master the subject due to the number of publications, which means many studies that lead to a better understanding on networks. It is admissible to state that some themes are recurring in almost all the groups, and they may be understood as common interesting areas, suggesting that partnerships for research would be a great idea to develop the studies in Brazil, such as: Social Networks, Organizational Networks, Interorganizational Networks, Geographical Economy.

Keywords: social networks; interorganizational networks; study groups.

INTRODUÇÃO

As mudanças organizacionais impactam não apenas as organizações, mas

também o comportamento humano. Na chamada sociedade de informação (CASTELLS, 1999) tem-se a informação como

chave para criar conhecimentos e atender aos interesses individuais e organizacionais, ajudando na adaptação para o momento vivido e as necessidades. O próprio Castells (1999) descreve que nesse mundo da informação, a sociedade em rede é um fato certo para o funcionamento de tal, em ascensão crescente. Conforme Balestrin, Verschoore e Reyes Junior (2010) a cooperação em redes está vivendo um momento de crescimento do seu interesse, com muitos livros e publicações tratando esse tema, principalmente demonstrando as vantagens da colaboração em redes.

Essas redes são uma união de empresas, buscando objetivos comuns (MILES e SNOW, 1986). Sendo as redes formadas por conjuntos de organizações, tem-se a configuração de diversas pessoas, organizações, valores, competências e informações. Popp et al. (2014) conceituam rede interorganizacional como aquela em que três ou mais organizações estão trabalhando em conjunto para a consecução de um objetivo comum. É, portanto, uma forma que as empresas encontram para permanecerem no mercado de forma competitiva e terem capacidade de inovação (VASUDEVA, ZAHNER e HERNANDEZ, 2013).

Na literatura sobre redes, surgem estudos com cada vez mais frequência, focando em consolidar as teorias, como em Oliver e Ebers (1998); Balestrin, Verschoore e Reyes Junior (2010); Alves, Pereira e Klein (2013) e demonstram que as conceituações do tema são apresentadas de formas diversas em diferentes estudos. Mais do que isso, os próprios pesquisadores e grupos de estudos presentes no Brasil não parecem ter uma consistência sobre qual conceito ou teoria sobre redes utilizam, uma vez que esse assunto não é claramente abordado na

maioria dos trabalhos. Talvez ainda pelo pouco tempo de estudos sobre o tema, pois as redes começaram a receber destaque a partir da década de 90, momento em que se encontra o estudo de Araujo e Easton (1996), os quais citam, em sua revisão sobre as pesquisas em rede, as diferentes abordagens que o tema vinha recebendo.

Logo, o objetivo deste estudo é identificar os conceitos empregados por grupos de pesquisa brasileiros, que pesquisam sobre redes, conforme diferentes abordagens da teoria. Nesse contexto, busca-se compreender quais são os grupos que estão ativamente pesquisando e publicando nos últimos anos, além de entender quais perspectivas são predominantes no campo de estudo de redes no Brasil, traçando um perfil individual do grupo. Esta pesquisa busca formar uma representação dos conceitos estudados pelos grupos pesquisadores de rede no Brasil, facilitando o contato, a ampliação de estudos e o aprofundamento de teorias já tratadas.

Para tanto, este trabalho está dividido nesta seção introdutória, passando a seguir para a parte teórica onde se contextualiza redes, destacando a teoria de Araujo e Easton (1996) que divide as possibilidades de trabalhar redes a partir de 10 perspectivas. O método explica como foram selecionados 07 grupos de pesquisa no Brasil e os seus respectivos artigos, para então analisá-los através das perspectivas dos autores Araujo e Easton (1996). Os resultados trazem separadamente o que foi analisado em cada grupo, montando um cenário atual do que vem sendo estudado sobre redes dentro das perspectivas analisadas. Por fim, as considerações fazem um breve resumo dos achados da pesquisa, indicando limitações e caminhos possíveis a seguir.

TEORIAS DE REDES

Redes, na visão de Menard (2004), são conjuntos de organizações ou indivíduos engajados em atividades conjuntas, com regras explícitas e com objetivos específicos a serem alcançados por todos. As redes interorganizacionais podem ser classificadas, segundo Verschoore e Balestrin (2008), como compostas por empresas que possuem objetivos comuns, estabelecendo relações formais, com prazo ilimitado de existência e manutenção da individualidade legal das empresas. Provan e Kenis (2007) indicam que as redes são grupos de três ou mais organizações que formam uma nova organização em conjunto para atingir um ou mais objetivos específicos, sem deixar de terem sua própria identidade organizacional individual.

As redes podem ser definidas, ainda, como um grupo de nós e laços que representam certo relacionamento entre os nós, ou seja, as organizações (BRASS et al, 2004). Ou, na visão de Provan, Fish e Sydow (2007), como redes formalizadas que são direcionadas para um objetivo, com relacionamentos entre os membros que não são hierárquicos e nas quais os participantes operam de forma relativamente autônoma. Verdu e Reinert (2015) sugerem que as empresas são dominadas por paradigmas de competição ou de cooperação, porém esses paradigmas carecem de estudos profundos que enfatizem as estratégias e benefícios de cada um, principalmente quando se trata de competir e cooperar ao mesmo tempo, ambiente no qual estão alocadas a maioria das redes interorganizacionais.

No entanto, os estudos de redes partem de perspectivas diferentes, e antes de buscar aprofundar-se em suas estratégias e benefícios, seria interessante que as pesquisas tivessem um perfil traçado e delineado de que tipo de rede se trata. Balestrin, Verschoore e Reyes Junior (2010) apresentam um trabalho na direção de traçar um perfil dos estudos no Brasil. Por meio de um levantamento bibliográfico de estudos brasileiros, os autores aplicaram um método específico para conectar entre os diversos estudos as palavras-chave usadas e os principais temas abordados.

Por outro lado, este estudo se diversifica, pois, utiliza uma teoria diferente para separar os diversos tipos de redes, daquele usado no estudo citado anteriormente. Além disso, este estudo busca especificar as teorias utilizadas por cada grupo de pesquisa brasileiro, traçando um perfil individual para cada grupo e não um perfil geral do Brasil, possibilitando compreender uma tendência de estudo para cada grupo. Para tal, o estudo de Araujo e Easton (1996), no qual são identificadas 10 diferentes abordagens de teorias de redes é fundamental. As dez abordagens utilizadas pelos autores estão destacadas no Quadro 01.

PERSPECTIVA	DESCRIÇÃO
Redes Industriais	-Qualquer ligação entre indivíduos, grupos, organizações, podendo ser tangíveis (insumos e produtos) e intangíveis (informações).
Redes Sociais	- Padrões de interações das pessoas e das relações sociais e a forma como moldam e são moldados por estruturas sociais nas organizações.
Rede Política	- Rede pode ser entendida como um projeto de estruturas de interação entre agências semiautônomas para promover a entrega de objetivos políticos específicos.
Redes Inovação	- Contribuem para as capacidades de inovação das empresas, expondo-as a novas fontes de ideias, acesso a recursos e transferência de conhecimento.
Ator-Rede	- Ator é uma categoria de base empírica, uma associação heterogênea de elementos humanos e não humanos, aberto à redefinição e transformação.
Geografia Econômica	- Redes de pequenas empresas, que são concentradas em determinadas regiões, com proximidade geográfica e que propiciem um clima de confiança mútua.
Estudos de Empreendedorismo	- Visão de processo, o aspecto dinâmico e evolutivo das relações de rede durante as fases de desenvolvimento de um novo empreendimento.
Redes em Estudos Comparativos	- Diferenças entre o Ocidente e o modelo do Leste Asiático de organizações econômicas. Focados em sistemas corporativos e grupos empresariais, práticas de gestão e produção, contextos das sociedades e culturas.
Redes Organizacionais	- Formas de comunicação e ligações dinâmicas flexíveis, conectam organizações e pessoas para novas entidades, podem criar produtos ou serviços.
Redes Interorganizacionais	- Resposta intencional de dependências entre as organizações visando uma melhoria do poder e do controle das organizações em rede.

Quadro 01: Perspectivas das Teorias de Redes

Fonte: Elaborado pelos autores, com base no estudo de Araujo e Easton (1996).

De acordo com os autores, o termo redes adquiriu um caráter guarda-chuva, absorvendo uma variedade de posições teóricas e metodológicas. As abordagens de Araujo e Easton (1996) são derivadas de estudos da Sociologia, Sociologia da Ciência e Tecnologia, Teoria das Organizações, Políticas Sociais, Estudos de Inovação, Ciência Política, Marketing Industrial, Geografia Econômica, Estudos de

Empreendedorismo, Estudos Comparativos de Sistemas Econômicos.

A abordagem de **Redes Industriais** pode ser compreendida como aquela que busca a perspectiva das redes como ganhos de produção, através da economia de escala, tanto através de acesso a recursos como na formação de acordos colaborativos, como interação que proporciona trocas de atividades, recursos, oportunidades (ARAUJO e EASTON, 1996). Os autores

citam Hakansson e Snehota de 1995 como um trabalho que pode ser utilizado para essa abordagem. A rede industrial é uma forma de explicar as estruturas de mercado, não apenas das indústrias, focando nos laços de recursos e informações fornecidos pela rede.

A perspectiva que aborda **Redes Sociais** já aparecia e era compreendida através dos estudos de Granovetter (1973) sobre laços relacionais e a forma como esses e suas dimensões afetam pessoas, organizações e suas atividades. Para Araujo e Easton (1996), as redes sociais abordam a teoria pelo padrão de interações das pessoas, através de uma visão sistêmica, olhando as redes como indivíduos inter-relacionados, essa abordagem compreende que os atores são os indivíduos ligados por laços de poder, recursos, informação e mesmo amizade. Foca fortemente nas estruturas que ligam esses atores, buscando compreender o padrão dessas relações, quais os resultados dos padrões sociais dessas relações.

A perspectiva de **Rede Política** para Araujo e Easton (1996) se explica ao considerar a rede como um nível macro de análise, lidando com um contexto de governo, de questões políticas, intermediando interesses, como agências semiautônomas que procuram entregar objetivos políticos, para tanto devem ser analisados laços de comunicação, poder e influência, focando nos processos, para lidar com intermediação dos interesses no campo das organizações e governo. Dentro dessa perspectiva, estudos dos anos de 1992 de Jordan e Schubert; e Marsh e Rhodes são possíveis bases para a perspectiva de Rede política.

Ainda, as **Redes de Inovação** nas quais as estratégias são vistas como cooperação para gerar competitividade, podendo gerar relacionamentos de curta ou longa duração, mobilizando recursos para

alcançar objetivos comuns, ligações que complementam a organização, reduzindo as incertezas, contribuindo para inovação e fornecendo novas ideias, recursos e conhecimento (ARAUJO e EASTON, 1996). O conceito-chave é a conexão entre os indivíduos e as organizações, conectados através dos laços de informação, recursos e comunicação, as trocas de conhecimento e inovação são o produto gerado pela rede.

No estudo de Araujo e Easton (1996) encontra-se a perspectiva **Ator-Rede**, que também foi desenvolvida em estudos de sociologia como Callon (1999) e Latour (2005), buscando olhar para os processos de redes através da inovação e criação, mas entendendo os atores como o ponto de partida, sendo uma categoria de estudo empírico, transformando as redes em mais do que apenas as relações entre os atores. Essa abordagem foca no processo, a identidade dos atores passa a ser definida através dos seus relacionamentos, a rede passa a ser uma entidade própria, que se relaciona de forma individual de suas partes.

A perspectiva da **Geografia Econômica** olha as relações das redes pensando nessas como uma alternativa às pequenas e médias empresas, que estão concentradas em uma mesma região geográfica, oferecendo um ambiente de confiança, criando distritos industriais ou empresariais, sendo uma alternativa também para os negócios em grande escala. Para Araujo e Easton (1996), as ligações entre as estruturas importam pela sua dispersão espacial, principalmente no que tange às pequenas empresas que se concentram em uma determinada região como alternativa para criar vantagens de competitividade. Os autores citam dois estudos de 1994 utilizados para chegar às conclusões sobre essa abordagem de redes: Harrison; e Young.

Outra abordagem que aparece ao pensar redes é a de **Estudos de Empreendedorismo**, na qual diversos autores (JACK, 2010; GALKINA, 2013) dividem a perspectiva de redes como uma visão de recursos que podem ser obtidos por meio dessas relações estabelecidas na rede, fomentando nos empreendedores a noção positiva de redes ou ainda a ideia da rede como um empreendimento novo, tal e qual uma organização iniciando sua vida e tendo cada passo para sua montagem e sucesso. Além disso, a rede foca nos laços de poder, influências e recursos, focando nas estruturas e processos, pois é usada para valorizar os recursos existentes, estabelecer trocas, maximizar as capacidades empreendedoras de mobilizar recursos para dar apoio a um determinado projeto (negócio).

Ainda em Araujo e Easton (1996) há a abordagem das **Redes em Estudos Comparativos**, cuja busca se centra em comparar diferenças entre os modelos do Ocidente e do Leste Asiático, focando nos processos corporativos, práticas de gestão, também olhando para aspectos culturais e sociais de cada contexto. Nessa perspectiva o foco é em um grupo de negócios orientado para a estrutura, buscando compreender diferenças e semelhanças através da comparação, reforçando a ideia de Granovetter (1985) de inserção, na qual a vida econômica é ligada com a cultura e instituições sociais, acentuando assim diferenças entre as organizações também de acordo com as diferentes sociedades.

A penúltima perspectiva é a de **Redes Organizacionais**, na qual toda organização pode ser reconhecida como uma rede, pois possuem sistemas de comunicação, ligações entre indivíduos, potencial para criar novos produtos, novos conhecimentos, ligações

dinâmicas com o ambiente. E essa estrutura ainda é flexível, pois é mutável pela mudança de suas relações, do contexto social, das novas ligações que podem ser realizadas ao longo da vida da organização. Dois estudos de Miles e Snow (1986 e 1992) são utilizados para conceituar com mais amplitude a abordagem de redes organizacionais. Conforme Araujo e Easton (1996), essa abordagem foca na estrutura, principalmente no uso dos recursos e informações tanto pelos indivíduos quanto pelas organizações, ainda que seja bastante amplo como um conceito, ao considerar que quase todas as organizações podem ser tratadas através da perspectiva de redes organizacionais, já que dificilmente uma organização conseguiria ser isolada, sem ter vínculos para lidar com o ambiente interno e externo.

E por fim, **Redes Interorganizacionais**, reconhecida como um conjunto de laços recorrentes entre determinados atores oferecendo uma vinculação às organizações, procurando soluções em conjunto para promover o sucesso da rede que também promova melhorias nas organizações, mas dentro de uma relação controlada e de interdependência intencional entre a rede e seus atores (ARAUJO e EASTON, 1996). Estudos de Van de Ven e de Provan e de Milward são citados como aplicados na construção dessa perspectiva. Essa teoria enfoca os recursos, poder, as conexões das estruturas através da perspectiva de uma associação entre negócios, temporária ou não, que busca lidar com diversos problemas complexos que não podem ser facilmente resolvidos pelas organizações individualmente.

É possível perceber que existem diversas formas através das quais poderia se

abordar redes, ainda que existam também dimensões através das quais é possível modificar o método, a luz com que se olha para analisar o tema. Oliver e Ebers (1998) sugerem que o conceito é fragmentado ainda em muitas perspectivas, sendo necessário fazer uma análise dos temas que são mais citados, como as redes estão sendo analisadas empiricamente, tanto para facilitar estudos futuros, quanto para fortalecer as redes na sua prática.

MÉTODO

Este trabalho assume um caráter descritivo, uma vez que busca a análise e a interpretação do campo de estudo de redes no Brasil e, com isso, indicar direcionamentos em termos de investigações futuras sobre determinados assuntos e conceitos utilizados em pesquisas sobre redes, além de perfis específicos dos grupos de pesquisa brasileiros. A pesquisa foi realizada na metade de 2016, dessa forma, para evitar certo viés, decidiu-se pelo período de 2013 a 2015.

O propósito desse artigo foi compor um panorama das contribuições teóricas sobre a teoria de redes, utilizadas por grupos de pesquisa brasileiros, devidamente cadastrados no CNPQ. Para tanto, foi feito primeiramente um levantamento dos grupos de pesquisa cadastrados no CNPQ, sob o enfoque de pesquisas em redes de cooperação. Foram analisados todos os currículos lattes dos membros inscritos em cada grupo para verificar se os mesmos possuíam artigos referentes ao tema. Isso foi feito através da leitura do título e, quando conexo, do resumo e/ou abstract dos artigos para verificação.

Considerou-se para esta pesquisa grupos com mais de dois pesquisadores, tendo publicações sobre redes no período de 2013 a 2015, visto que muitos grupos de pesquisa possuem diversos colaboradores cadastrados, no entanto, sem publicações referentes a temática em questão.

Fatores Includentes	Fatores Excludentes
Grupo cadastrado no CNPQ	Grupo não cadastrado no CNPQ
Grupo cadastrado com enfoque de pesquisa em redes de cooperação	Grupo sem citar enfoque de pesquisa em redes de cooperação
Grupo com pelo menos 2 membros pesquisadores	Grupo com menos de 2 participantes pesquisadores
Pesquisadores/Grupo com uma ou mais publicações sobre redes entre 2013 e 2015	Pesquisadores/Grupo sem publicações na temática de redes entre 2013 e 2015
Artigos inseridos nos currículos lattes dos pesquisadores que tivessem os resumos e/ou títulos relacionados a temática de redes	Artigos que não constavam no currículo lattes dos pesquisadores na época deste estudo, e/ou que não tivessem os resumos e/ou títulos relacionados a temática de redes

Quadro 02: Fatores de Seleção dos Grupos e Artigos

Fonte: elaborado pelas autoras (2016)

Alguns grupos possuem fato de alguns deles terem trabalhado em pesquisadores em comum, isso se deve ao universidades distintas, serem antigos alunos

de determinados programas de pós-graduação ou simplesmente pelas colaborações firmadas, oriundas de afinidade entre os pesquisadores. Dessa forma, optou-se em inserir os pesquisadores em somente um grupo, para não haver a duplicidade de artigos e dar mais coerência aos resultados e legitimidade ao grupo. Os pesquisadores foram alocados somente nos grupos aos quais são líderes, e não o sendo, em grupos da Instituição a que pertencem no período pesquisado. Devido a essa seleção, alguns grupos, como o “Grupo Estratégia e Competitividade” da UNINOVE, foram excluídos da pesquisa, visto que muitos dos seus pesquisadores são externos à instituição ou líderes de outros grupos de pesquisa.

Após a seleção de sete grupos, devidamente cadastrados no CNPQ e com os requisitos mencionados acima, foi feita novamente uma busca detalhada no currículo lattes dos pesquisadores. Essa busca visou selecionar os artigos publicados no período de 2013 a 2015 referentes à temática de redes. Os artigos em questão referem-se a trabalhos empíricos e teóricos, sendo desconsiderados

os trabalhos com cunho somente bibliométrico ou trabalhos que resumem as pesquisas publicadas em determinados eventos. Devido à grande parcela dos pesquisadores de um mesmo grupo trabalharem juntos, esses pesquisadores possuem muitos artigos em comum, gerando uma grande parcela de trabalhos repetidos. Dessa forma, a quantidade de artigos após serem desconsideradas as multiplicações, bem como contabilizados apenas aqueles que estavam à disposição através dos meios eletrônicos para acesso total ao texto, totalizou em 101 artigos, divididos entre os grupos classificados na Tabela 01.

Estes 101 artigos selecionados foram lidos, buscando palavras e frases que indicassem que tipo de teoria os autores estavam utilizando para basear o estudo, principalmente na introdução e descrição teórica do trabalho. Esses foram direcionados para uma ou mais das perspectivas descritas por Araujo e Easton (1996), buscando, ao final, estabelecer um perfil das teorias mais usadas por cada grupo.

Tabela 01: Grupos de pesquisa

Grupo/ Instituição	Objetivo do grupo	Líder	Artigos no período
GeRedes / UNISINOS	Complementar esforços de pesquisas no campo de redes de cooperação e relações interorganizacionais. O foco de preocupação está na realização de estudos que visam compreender como as estratégias coletivas poderão contribuir para a competitividade de empresas e demais organizações de caráter público ou privado. Entre os principais interesses de pesquisa do GeRedes, destacam-se: Estratégias Interorganizacionais; Gestão de Redes de Cooperação; Aprendizagem Coletiva; Inovação Aberta (open innovation) e Ganhos Competitivos em Redes de cooperação.	Alsones Balestrin	24
Núcleo de Pesquisas em Redes / UFSM	Tem como objetivo estudar os relacionamentos interorganizacionais, desde a seleção de parceiros e constituição das alianças cooperativas passando pelas formas de manutenção dos relacionamentos até os motivos que levam a decisão de sair da rede. As delineações do tema passam por estudos nos relacionamentos interorganizacionais do oportunismo, conflitos, formas de aprendizado, inovações, desempenho do processo colaborativo, mecanismos de coordenação e governança.	Breno Augusto Diniz Pereira	09
Análise de Redes Organizacionais / USCS	Sem descrição	Milton Carlos Farina	23
Redes de negócios: novos conceitos para novas formas de administrar / UNIP	Discutir os conceitos, metodologias e práticas que envolvem as redes entre organizações, nos seus vários formatos e manifestações; contribuindo para o desenvolvimento científico da área. Os objetivos secundários são: (A) Conhecer os vários modelos, tipos e dinâmica de redes, conforme seus conceitos na literatura; (B) Discutir a validade e aplicabilidade dessas construções; (C) Discutir, aprimorar e apresentar metodologias e técnicas que contribuam para o aprimoramento das pesquisas e a gestão das redes; (D) Apresentar a evolução do estado da arte do campo. Para consecução dos objetivos os professores e alunos do programa de mestrado desenvolvem pesquisas alinhadas e regulares, em diferentes estágios de evolução.	Ernesto Michelan- gelo Giglio	16
Grupo de Estudos em Redes, Estratégia e Inovação - GEREI. UFLA	Considerando que o conhecimento pode ser mais relevante que a produção dos bens e serviços em si, as redes representam uma matriz operativa e organizacional adequada ao ambiente contemporâneo e têm como propósito ganhos intangíveis relacionados à aprendizagem e ao capital social e não apenas relacionados a resultados imediatos e incrementos de ativos fixos. Em torno deste objeto, a proposta do grupo é estudar a dinâmica destes arranjos organizacionais e suas implicações, teóricas e empíricas, para o contexto	Cleber Carvalho de Castro	16

	<p>organizacional. Reconhecendo a complexidade do tema, incentiva-se a realização de estudos a partir de diferentes correntes teóricas e com a utilização de múltiplas técnicas e delineamentos metodológicos. Com esta iniciativa espera-se criar um espaço de diálogo permanente com base na reflexão crítica que resulte no amadurecimento do conhecimento científico. Enfim, o grupo de pesquisa pretende, ele mesmo, configurar-se como uma rede multidisciplinar de pesquisadores aberta ao intercâmbio.</p>		
<p>NORI - Núcleo de Gestão de Operações e Relações Interorganizacionais / UNISC</p>	<p>A área de Operações caracteriza-se por um amplo escopo de atuação dentro das organizações, abrangendo temáticas como gestão estratégica, gestão de operações, logística e cadeia de suprimentos, estratégias tecnológicas, gestão da inovação e aglomerações produtivas. Nas últimas décadas, esse escopo foi ampliado em função do estabelecimento de estratégias colaborativas por parte das organizações, direcionando os pesquisadores para novas abordagens e investigações sobre o papel da área de Operações nas empresas. Trata-se, portanto, de um tema atual e relevante nos estudos organizacionais. Além disso, o Mestrado Profissional em Administração da UNISC tem como uma de suas linhas de pesquisa Operações e Relações Interorganizacionais, com docentes e discentes dedicados a investigar e disseminar conhecimentos sobre essa temática. A criação de um grupo de pesquisa com foco específico nessa linha de pesquisa permitirá potencializar a troca de conhecimentos entre os participantes, destes com o setor privado e o setor público incrementando a produção científica e técnica, facilitando a interface com o meio acadêmico e com a sociedade. O grupo de pesquisa tem como objetivo geral: Investigar temas emergentes sobre Operações e Relações Interorganizacionais e seus impactos para a competitividade organizacional.</p>	<p>Heron Sergio Moreira Begniss</p>	<p>04</p>
<p>IOR&N - Inter-organizational Relationships and Networks Research Group - GERIR / UNB</p>	<p>Investigam-se redes sociais em distintos níveis de análise que visam o cumprimento de objetivos organizacionais assim como a gestão efetiva dessas redes. O trabalho do grupo tem aplicação nos setores público, privado e terceiro setor, a incluir concentrações geográficas de empresas, redes sociais nos processos organizacionais e interorganizacionais; cadeias produtivas e sistemas de logística; redes de políticas públicas; alianças estratégicas e parcerias de vários tipos; parcerias público -privadas; e análises interorganizacionais e interinstitucionais. Objetiva-se realizar, promover e apoiar estudos e pesquisas sobre os vários tipos de redes e de relações interorganizacionais em que as pessoas, grupos e organizações se envolvem na busca da realização de objetivos organizacionais e sobre a gestão dessas redes.</p>	<p>Edgar Reyes Junior</p>	<p>09</p>

Fonte: CNPQ (2016)

Essa tabela demonstra os objetivos de estudo dos diferentes grupos de pesquisa presentes no Brasil. Além disso, é possível verificar que alguns grupos têm números maiores de pesquisadores. Ainda que os objetivos dos grupos sejam descritos de forma diferente, todos têm em comum a vontade de pesquisar redes em diversos tipos, para buscar novos conhecimentos na área. Porém, para buscar novas ideias sobre redes é preciso antes de tudo um entendimento comum do que cada grupo entende como as redes, o objeto e campo de análise, parte do que esta pesquisa busca tentar compreender.

RESULTADOS

Os resultados desse trabalho apontam as teorias utilizadas pelos grupos de pesquisa nos anos de 2013 a 2015 e explicitam alguns de seus principais trabalhos dentro de cada temática estudada.

Grupo GeRedes/UNISINOS

O grupo GeRedes trabalha com distintas abordagens teóricas dentro da temática de redes, no entanto, o seu direcionamento teórico prioriza as pesquisas sobre Redes Interorganizacionais.

Para a teoria de Redes Interorganizacionais, o grupo utiliza conceitos de diferentes autores. Engelman, Nagel e Wegner (2013) alegam que os autores têm se valido da metáfora da rede para descrever uma nova realidade, em que emergem novos modelos de organização social e de relacionamento entre indivíduos e empresas e, em muitos casos, o termo tem servido para explicar um contexto em que o individualismo e a competição isolada são substituídos pelas ligações de grupos e organizações (CASTELLS, 1999). Saenger-Silva e Verschoore (2015), por exemplo, utilizam o conceito de Thorelli (1986) que fala

que redes interorganizacionais compreendem duas ou mais organizações envolvidas em um relacionamento de longo prazo.

Enquanto Cabral, Camargo e Verschoore (2014) utilizam o conceito de Provan, Fish e Sydow (2007), que afirma que uma rede interorganizacional é compreendida como um grupo de três ou mais organizações conectadas de maneira formal e gerenciadas no sentido de facilitar a realização de objetivos comuns. Ainda nessa temática, Bortolaso, Verschoore e Antunes Jr. (2013) propõem um modelo para analisar as práticas de gestão desenvolvidas pelas redes, justificando que “redes são constituídas por empresas independentes entre si, nas quais não há uma estrutura hierárquica e as relações são constituídas por objetivos comuns e alimentadas por relações de confiança”. Os autores argumentam que “dessa forma, as redes buscam mecanismos voltados às suas propriedades e às suas características de gestão”.

Outra teoria bastante utilizada pelo grupo é a de Redes Sociais. Um dos trabalhos mais específicos do grupo sobre essa temática é o artigo de Brand e Verschoore (2014), o qual fundamenta as tipologias de redes sociais, suas conceituações e seus atores, além de fazer um aprofundamento nas medidas de análise de redes sociais (ARS). Os autores explanam que as redes sociais, de acordo com Nelson (1984), são conjuntos de contatos diretos e indiretos que ligam vários atores. Esses contatos, ou laços, podem ser formais ou informais, fortes ou fracos, frequentes ou raros, altamente emocionais ou puramente utilitários. Outra pesquisa a ser mencionada é a de Camargo, Verschoore e Padilha (2013), nela é elucidado que estudos realizados no campo social (Granovetter, 2005) e no campo organizacional (Lipnack e Stamps, 1994) demonstram que redes sociais densas afetam positivamente o fluxo e a qualidade das

informações. Elas são decisivas para os atores envolvidos terem o conhecimento sobre quem sabe o que, quem sabe como e quem sabe quem (BORGATTI e CROSS, 2003).

Na teoria de Redes Industriais, a pesquisa de Wegner, De Rossi e Scarano (2014), por exemplo, faz referência a Sydow (2004), o qual acredita que as fases de desenvolvimento das redes não devem ser tomadas como um modelo, já que elas possuem dinâmica fluida e as mudanças não podem simplesmente ser divididas em etapas. Outra pesquisa com relevância dentro dessa teoria é a de Balestrin e Verschoore (2014), que traz uma referência ao clássico “Dilema do prisioneiro”, desenvolvido pelos matemáticos Melvin Dresher e Merrill Flood, em 1950, além da referência ao jogo “Dilema dos Prisioneiros Iterado”, de Robert Axelrod (1984) e a estratégia Olho por olho, dente por dente, de Anatol Rapoport. Para eles, deve-se cooperar no primeiro lance e, em sequência, repetir a decisão que o jogador adversário adotara na rodada anterior.

A teoria de Redes de inovação também faz parte das pesquisas do grupo, sendo contemplada com três artigos. Faccin e Balestrin (2015, p. 195) aludem que “projetos colaborativos de P&D representam a abertura do processo de P&D em colaboração com atores externos, que são relações interorganizacionais focadas no desenvolvimento conjunto de inovações tecnológicas”. Segundo eles, empresas intensivas em conhecimento atualmente desenvolvem a maior parte de suas inovações a partir do estabelecimento de projetos colaborativos, devido à necessidade de continuamente gerar inovações com alta velocidade (BROWN e LINDEN, 2011; DENG, 2008; SHIH, PISANO e KING, 2008). Schmidt e Balestrin (2014; 2015) também

fazem referência a esse conceito, os autores trazem que o processo de P&D colaborativo é um dos meios para gerar inovações e entende-se que os fatores desses ambientes promovem o processo de P&D tanto a nível individual quanto interorganizacional.

Em Verschoore, Borella e Bortolaso (2015) é encontrada a teoria de Rede Organizacional. Os autores trazem à tona o processo de *crowdsourcing*, que é adotado quando uma empresa decide terceirizar uma tarefa, não para outra empresa, mas para grandes comunidades de pessoas que estão organizadas através de contato pessoal ou através da internet (HARDT e NEGRI, 2004; BROWN e SZEMAN, 2005). É uma iniciativa de negócio que usa a inteligência coletiva e conhecimento de voluntários externos para resolver problemas e gerar soluções para empresas.

Por fim, a teoria de Rede Política é encontrada em Padilha e Verschoore (2013). Os autores trazem que as ações de um grupo de atores voltadas ao desenvolvimento sustentável local precisam estar orientadas para o bem comum, com um comprometimento coletivo (SCHERER-WARREN, 1996). Na pesquisa, os autores trazem o tema da *green governance*, e aludem que ela não se limita aos estados e aos governos como atores únicos, é marcada pela participação de uma miríade de atores públicos, privados e não estatais (BIERMANN et al., 2010).

Grupo Núcleo de Pesquisas em Redes / UFSM

O Núcleo de Pesquisas em Redes também trabalha com mais de uma teoria de rede, contudo, prevalecem as pesquisas sobre teorias de Rede Interorganizacional e Industrial.

Uma teoria relevante para as pesquisas do grupo é a teoria de Rede Interorganizacional. Nessa temática, encontra-se o trabalho de Klein, Vieira e Pereira (2015), que fala dos fatores que influenciam no descontentamento de empresários que saíram das redes e o impacto desses fatores no nível de satisfação dos mesmos. Os autores definem rede interorganizacional como aquela em que três ou mais organizações estão trabalhando em conjunto para a consecução de um objetivo comum (POPP *et al.*, 2013). Assim como Quatrin e Pereira (2014), que consideram redes de cooperação como acordos duradouros entre duas ou mais empresas envolvendo troca, compartilhamento, ou codesenvolvimento de produtos, tecnologias e serviços (GULATI, 2007). Quatrin e Pereira também explicitam o conceito dado por Gray e Wood (1991), que afirmam que a colaboração é um processo através do qual diferentes partes, vendo diferentes aspectos de um problema, podem, construtivamente, explorar suas diferenças e procurar limitadas visões.

Corroborando com a temática de Rede Interorganizacional, Venturini, Klein e Pereira (2015) argumentam que, uma vez estabelecida a rede, deve-se salientar que as empresas integrantes estarão a todo o momento realizando uma ponderação entre os custos e os benefícios obtidos para decidirem quanto a permanência na rede, e estarão procurando sucessivas oportunidades de ganhos individuais (Pereira, 2005).

Quanto à teoria de Rede Industrial, tem-se como exemplo a pesquisa de Klein e Pereira (2013), na qual os autores defendem que a adaptação das empresas às redes, devido às mudanças exigidas, é um aspecto relevante, pois uma nova organização é formada pela constituição da rede, e com um conjunto específico de normas e

regulamentos para o seu funcionamento. Nesse contexto, Hakansson e Snehota (1995) explicam que as mudanças ocasionadas pela rede podem causar uma série de reações que podem ser tanto esperadas quanto inesperadas.

O grupo também utiliza a teoria de Redes Sociais, embora com menor relevância. Foi encontrada a pesquisa de Alves, Zamberlan e Quatrin (2014), que identificaram os relacionamentos entre produtores agropecuários e cooperativas, verificando se atendiam às demandas e necessidades dos produtores, e o que poderia ser feito para melhor desenvolver esses relacionamentos. Os autores mencionam que a reciprocidade é o sustentáculo da rede social, a qual é formada por laços sociais construídos, mantidos ou renovados em cada época, cultura e realidade social, política e econômica.

Grupo Redes de negócios: novos conceitos para novas formas de administrar / UNIP

Um conceito bastante empregado nas pesquisas desse grupo é o de que as teorias sobre redes podem ser agrupadas em três grandes correntes teóricas, conforme seus princípios: A primeira valoriza os fatores racionais e econômicos (GULATI, 1998; WILLIAMSON, 1985), com pesquisas que isolam variáveis de análise; a segunda valoriza os aspectos sociais como pano de fundo das decisões (GRANOVETTER, 1985; UZZI, 1997); também com dominância de produção que busca isolar fatores e analisar sua relação nas redes; e a terceira afirma que as redes de negócios são manifestações de uma sociedade organizada em redes (CASTELLS, 1999; NOHRIA e ECLES, 1992).

Contudo, o grupo prioriza o princípio da perspectiva da teoria de Redes Sociais, na sua afirmativa de que toda rede apresenta um pano de fundo de relações sociais que dá

sentido e orientação aos processos e decisões comerciais (GRANDORI e SODA, 1995; GRANOVETTER, 2007; GULATI, 1998) e o princípio da perspectiva da sociedade em rede, na sua afirmativa de que todas as organizações participam de redes, porque a estrutura social se modificou (CASTELLS, 1999; NOHRIA e ECLES, 1992). Essas citações podem ser vistas em grande parte das suas pesquisas, um exemplo é a pesquisa de Bertóli, Giglio e Rimoli (2014).

Outro exemplo que corrobora seria a pesquisa de Giglio, Silva e Bigas (2014). Nela, os autores referem que Granovetter (1985), Grandori e Soda (1995) e Powell (1987) afirmam que o coração das redes está nas relações sociais entre os atores, sejam relações de aproximação, como a cooperação e a confiança, sejam relações de distanciamento, como jogos de poder e competição interna.

Dentro da temática de Rede Organizacional é muito comum ao grupo a definição de que *todas as empresas estão em rede, quer utilizem ou não suas conexões*. Nota-se a importância dada pelo grupo a esse conceito, visto que o mesmo prevalece na maioria dos seus artigos. Meirelles *et al.* (2014) complementam que toda organização é uma rede e a forma organizacional depende das características, interesses e necessidades das pessoas que fazem parte dessa rede (CANDIDO, 2000).

Outra teoria utilizada pelo grupo de pesquisadores da UNIP é a Economia Geográfica. O trabalho de Siqueira e Telles (2015, p. 31) menciona que, “os clusters apresentam uma característica de especial interesse para a área de estratégia que é a capacidade elevada de competir e de propiciar e sustentar o desenvolvimento de regiões [...]”. Enquanto a pesquisa de Siqueira *et al.* (2015) complementa que do ponto de

vista dos varejistas, as concentrações de lojas criam uma situação de *coopetition* entre seus membros, pois, apesar de disputarem os mesmos clientes, eles beneficiam-se do volume de consumidores atraídos pelo total de lojas da aglomeração e compartilham uma infraestrutura comum (BRANDENBURGUER e NALEBUFF, 1999).

A teoria de Rede Interorganizacional também é mencionada nas pesquisas desse grupo. Souza *et al.* (2015, p. 60), por exemplo, mencionam que “pode-se dizer que uma rede é um conjunto de nós interconectados, isto é, um conjunto formado por fluxos de dinheiro e informação entre indivíduos ou organizações”. Sustentando, a pesquisa de Gonçalves e Giglio (2015) mostra que interações repetidas ao longo do tempo criam interdependências, aumentam os níveis informais de comunicação e colaboração, facilitam a transferência de conhecimento, elevam os níveis de confiança e, conseqüentemente, permitem que os mecanismos sociais de coordenação e controle sejam mais flexíveis e menos formais.

Vale destacar que em muitos artigos, nos quais os pesquisadores utilizam teorias de Redes Sociais ou teorias de Rede Organizacional, é mencionada alguma citação de Larson (1992). Contudo, para Araujo e Easton (1996), a pesquisa de Larson (1992) esquadra-se na teoria de Estudos de Empreendedorismo. Essa relação pode ser considerada, visto que Estudos de Empreendedorismo são usados de diferentes maneiras pelos pesquisadores. Alguns autores o usam frequentemente para se referir as redes sociais de empresários - o que confirma o seu uso pelo grupo -, enquanto outros insistem que o ato do empreendedorismo consiste precisamente na

capacidade de mobilizar uma variedade heterogênea de ligações de apoio a um projeto, visão ou ideia de negócio (ARAÚJO e EASTON, 1996). Para fins de consulta, estão os trabalhos de Giglio, Luiz e Najberg (2013), Giglio e Gamba (2015), Giglio, Onusic e Mendes-da-Silva (2015), Hernandez e Giglio (2014) e Giglio, Silva e Bigas (2014).

É curioso ressaltar que há trabalhos do grupo que fazem menção a várias teorias, sem prevalecer uma teoria especificamente. Na pesquisa de Giglio e Carvalho (2013), por exemplo, há referência a Rede Organizacional, Economia Geográfica, Rede Empreendedora e Rede Social.

Grupo Análise de Redes Organizacionais / USCS

No grupo pertencente à USCS encontram-se artigos que centraram principalmente na ideia de redes através da perspectiva de Redes Sociais, conforme a abordagem oferecida por Araujo e Easton (1996).

Alguns trabalhos que representam essa perspectiva nas pesquisas empíricas do grupo são, por exemplo, em Souza *et. al.* (2014), quando foi realizado um estudo com foco na atividade turística de Piratins, Amazônia, através de um enfoque definido pelos autores como: "(...) as redes de atores locais reúnem indivíduos e instituições, de maneira participativa, em torno de causas afins com atuações colaborativas e/ou cooperativas que são sustentadas pela vontade e pela afinidade de seus integrantes (...)" (SOUZA *et. al.*, 2014, p. 147).

Outro estudo que serve como exemplo da ênfase de muitos dos estudos encontrados referentes ao período aqui escolhido para analisar a atividade do grupo que corrobora ao demonstrar que o grupo utiliza a abordagem de Redes Sociais com maior frequência é encontrado em Tunu,

Farina e Silva (2015) quando os autores utilizam conceitos de Redes Sociais como o utilizado para compreender modelos de laços sociais, utilizados pelos atores que estão envolvidos por algum motivo, participando em resultados e criando conhecimento através dessas redes de colaboração.

Claramente esses conceitos ficam evidenciados como similares ao definido por Araujo e Easton (1996), ao passo que também consideram a importância dos laços que as relações sociais geram através da interação de seus atores, tanto a ponto de serem objetos de muitos estudos dos artigos publicados em grande parte pelo grupo de estudos.

É possível dizer que entre a maioria dos estudos realizados e publicados pelo grupo nos anos de 2013 a 2015, uma parcela significativa analisou os laços de interação social, analisando a solidez e conectividade dos laços sociais das redes estudadas, também compreendendo estes laços através das lentes de Castells (1999) que os analisa como um indício da solidez da rede, afirmando que as redes não seriam possíveis se não fosse pelos laços de comunicação e relacionamento de seus membros, e ainda que tais atividades possam ser realizadas por meios eletrônicos cada vez mais comuns, a interação face a face é considerada pelo autor como um grande indicador da força dos laços que ligam os atores, propiciando com maior força e quantidade a troca de informações.

Depois da teoria de Redes Sociais, a abordagem mais utilizada nos estudos desse grupo foi a de Redes Organizacionais, quando os estudos focaram no ambiente integrado em que as empresas estão inseridas para se desenvolverem, levando em consideração as organizações como complementos umas das outras, auxiliando nos pontos fortes e trabalhando nas melhoras dos pontos fracos das organizações (TEIXEIRA, GASPAS e FARINA, 2013). Além

disso, alguns estudos do grupo compartilham em seus estudos a perspectiva de Redes Organizacionais de Jarillo (1988), na qual as redes são um acordo, realizado com objetivos específicos entre empresas diversas que dividem laços de relação para sustentar alguma vantagem competitiva que as diferencia das demais organizações que não fazem parte da rede.

Um exemplo entre os artigos publicados que abordam esse tema é encontrado em Telles *et. al.* (2013, p.50), quando em um estudo com clusters os autores descrevem: “O fato é que, em alguns casos, é preciso reconhecer – por meio de outro raciocínio – que faz sentido empresas semelhantes reunirem-se para obter vantagem competitiva.”. Sendo assim, os estudos demonstram que os autores pesquisam em redes através da mesma perspectiva de Araujo e Easton (1996), compreendendo Redes Organizacionais como um conjunto de organizações ligadas por laços de busca de atividades que aumentam sua capacidade de competitividade, cujo alcance é mais limitado individualmente.

Entre os artigos do grupo foram encontrados também algumas citações sobre redes que deixam claro uma perspectiva de Economia Geográfica, principalmente em artigos que tratam também de Redes Organizacionais, mas também olhando para a rede através dos laços que a une como uma proximidade física, dentro de uma mesma região. Nessa perspectiva, o grupo aborda os estudos conforme Araujo e Easton (1996) definindo que as redes estão conectadas também devido a uma localização geográfica de suas organizações, que proporcionam facilidade na criação de laços relacionais para criar vantagens competitivas.

Grupo de Estudos em Redes, Estratégia e Inovação - GEREI/ UFLA

Entre os diversos grupos aqui estudados, esse foi um grupo que apresentou não apenas mais de uma abordagem conforme aqui estudado, no entanto foi o que apresentou uma variedade mais homogênea, significando que não houve uma teoria que dominou os estudos aqui verificados, mas diversas teorias com poucos estudos cada uma. Talvez isso seja ocasionado pelo grande número de pesquisadores que se verifica como autores de artigos, um grupo com maior número de pessoas pode tender a uma heterogeneidade de interesses e visões. Dessa forma, não é possível destacar uma ou outra perspectiva dentre as descritas por Araujo e Easton (1996) no grupo de estudos da UFLA, e sim diversas com a mesma relevância para os estudos.

Nos artigos aqui selecionados do grupo, surgiram definições usadas nos estudos que se encaixavam nas abordagens de Redes de Inovação, Teoria Ator-Rede, Redes Sociais, Redes Organizacionais, Redes Políticas, Geografia Econômica e Redes Interorganizacionais.

Entre esses, destacam-se os estudos de Redes Sociais, com artigos que estudam a perspectiva através de lentes que a compreendem como em Oliveira, Silva e Castro (2015, p. 203): “Buscando clarear o entendimento das relações interpessoais, dentro de análise de Redes Sociais, este debate teórico aborda como base de sua fundamentação, o pensamento de Heider e Levi-Strauss que tiveram grande significância para o estudo da teoria da grupabilidade e a estrutura das redes sociais.”. Esse é um dos artigos que demonstram a abrangência do tema tratado através de uma perspectiva teórica, mas ainda dentro da realidade das

Redes Sociais, visando compreender os laços de relação.

Outro tema levemente mais recorrente nos estudos aqui abordados foi o de Economia Geográfica, principalmente abordando as chamadas APLs (Arranjos Produtivos Locais), conforme Britto (2002), essa abordagem visualiza as empresas em concentração geográfica que geram externalidade produtivas, oferecendo tecnologias compartilhadas e maior competitividade e eficiência, ofertando apoio entre as empresas que se localizam na região e têm interesses em comum e através dessa parceria geram vantagens competitivas para as organizações e para a região como um todo.

Um dos artigos do grupo que aborda o tema de Economia Geográfica a toma através do estudo de aglomerações de arranjos locais que tenham um número de empresas significativo desenvolvendo alguma atividade produtiva, que tenham uma determinada interação, relação entre as empresas essa que é justificada pela necessidade de vantagem competitiva e facilitada pela posição geográfica (FELICIO MACEDO e ANTONIALLI, 2013).

É importante ressaltar que esse foi um dos poucos grupos que trouxe tantas perspectivas diferenciadas e forma equilibrada nos artigos encontrados, sendo um dos que trouxe estudos empíricos com abordagens que, na visão de Araujo e Easton (1996), poderiam ser classificadas como teorias de Redes políticas ou Teoria Ator-Rede, como em Silva, Tavares e Silva (2015) quando as Redes Políticas são citadas como tema do artigo ao descrever que o estudo busca proporcionar uma reflexão sobre as configurações de políticas públicas que são destinadas a beneficiar APLs, entendendo que a intervenção pública pode gerar algum

benefício ou motivação para as empresas integrem redes.

Assim, é possível dizer que esse grupo de pesquisa, mesmo com um número relativamente alto de artigos publicados no período escolhido para este estudo, não trouxe uma homogeneidade em seus estudos, não tendo uma abordagem que tenha se destacado de forma clara e objetiva entre as descritas neste estudo, demonstrando que o grupo faz pesquisas em redes através de diferentes perspectivas.

IOR&N - Inter-organizational Relationships and Networks Research Group - GERIR/UNB

Nos artigos publicados por esse grupo de pesquisa, destaca-se o fato de que duas teorias parecem ser mais frequentes quando o grupo descreve e estuda como compreender redes, através das perspectivas de Redes Organizacionais e Redes Interorganizacionais. Alguns dos temas também se entremeiam um pouco com a teoria de Economia Geográfica, mas essa aparentemente não foi tópico isolado e principal nos estudos, servindo como coadjuvante e uma forma de reforçar teorias diferentes no estudo.

Em Costa, Gonçalves e Hoffmann (2014), há um estudo de Redes Organizacionais focando em turismo, na cooperação entre as organizações, especificando que nessa área onde muitos serviços se complementam mais do que competem entre si, forçando as organizações a desenvolverem estratégias articuladas pelos objetivos em comum e gerar vantagem para as organizações. Na mesma área das empresas de turismo, mas centrado em outra cidade e estado, o grupo publicou um estudo que também focalizou em Redes Organizacionais como a perspectiva das relações entre as determinadas empresas, que

também utilizou a perspectiva de Economia Geográfica ao considerar os APLs como um motivo recorrente para a formação das redes, na formação de vantagens comuns para o serviço na região (GARAY, SANTANA e COSTA, 2015).

Já no campo da abordagem das Redes Interorganizacionais, o grupo traz contribuições interessantes, como o estudo de Hoffmann e Campos (2013, p.21): “(...)as redes interorganizacionais, nas quais, além de se encontrar empresas, estão inseridos outros atores, como governo e entidades do terceiro setor. Este último é o enfoque deste trabalho, pelo fato de o turismo ser uma atividade aglomerada territorialmente, e por envolver uma rede complexa com um grande número de atores coprodutores de uma variedade de produtos e serviços (...)”.

Essa perspectiva conversa bem facilmente com a ideia provocada por Araujo e Easton (1996), considerando a abordagem de Redes Interorganizacionais como uma instituição formada externamente pelas organizações já existentes, contendo certa independência, para lidar com problemas que surgem em comum e também gerar vantagens para os participantes. Além dessa visão, Provan, Fish e Sydow (2007) também teorizam as redes interorganizacionais como grupo de organizações conectadas por laços formais, tendo uma gestão do grupo como um todo que busca alcançar determinados objetivos comuns.

Não se pode deixar de acrescentar que o grupo, ainda que tenha um número pequeno de artigos, se comparado com o número de artigos publicados por outros grupos no mesmo período escolhido, tem uma definição de teorias mais usadas, mas também utiliza outras abordagens, trazendo teorias de Economia Geográfica e Redes

Sociais, por exemplo, em seus estudos como forma complementar de abordar a teoria de redes.

NORI - Núcleo de Gestão de Operações e Relações Interorganizacionais / UNISC

Por fim, esse grupo de pesquisa não se encaixa em uma leitura simples, devido ao número de artigos reduzido no período escolhido por este estudo. Porém, entre os artigos existentes, duas teorias das selecionadas por Araujo e Easton (1996) aparecem claramente como teorias de base utilizadas pelos autores.

Em Schmitt e Alievi (2013) e Wegner *et. al.* (2014) pode-se destacar a abordagem de Economia Geográfica:

A partir dessa definição, entende-se que os APLs possuem empresas de um determinado setor que se aglomeram geograficamente em um território. (...) um arranjo é formado apenas quando ambos os aspectos, setorial e geográfico, estão presentes em uma concentração e que, da mesma maneira que estas concentrações, normalmente são dependentes da fabricação de um único produto. (SCHMITT e ALIEVI, 2013, p. 211)

Já no outro estudo abordado, a Economia Geográfica faz o papel de perspectiva para avaliar os benefícios ofertados por arranjos produtivos locais, as vantagens e desvantagens de participar em uma estrutura de redes que está centrada em gerar benefícios, principalmente devido à proximidade geográfica, são analisadas pelos autores.

Os outros dois artigos analisados do grupo em questão trazem a perspectiva de Redes Organizacionais como lente que direciona os estudos realizados. Os artigos empíricos do grupo buscaram olhar os

relacionamentos entre organizações a partir de uma perspectiva de relacionamentos horizontais, sendo que esses relacionamentos proporcionam novas informações, formação

de novas competências, e, como já destacado por Araujo e Easton (1996), ofertando maior competitividade e oportunizando novos negócios (BEGNIS *et. al.*, 2015).

GRUPO	TEORIAS(Araujo e Easton, 1996)
GeRedes/UNISINOS	<ul style="list-style-type: none"> - Redes Interorganizacionais - Redes Sociais - Redes Industriais - Redes de Inovação - Rede Organizacional - Rede Política
Núcleo de Pesquisas em Redes/UFSM	<ul style="list-style-type: none"> - Redes Interorganizacionais - Redes Industriais - Redes Sociais
Redes de Negócios: novos conceitos para novas formas de administrar/ UNIP	<ul style="list-style-type: none"> - Redes Sociais - Rede Organizacional - Economia Geográfica - Redes Interorganizacionais
Análise de Redes Organizacionais/ USCS	<ul style="list-style-type: none"> - Redes Sociais - Rede Organizacional - Economia Geográfica
Estudos em Redes, Estratégia e Inovação - GEREI/UFLA	<ul style="list-style-type: none"> - Redes de Inovação - Teoria Ator-Rede - Redes Sociais - Rede Organizacional - Rede Política - Economia Geográfica - Redes Interorganizacionais
IOR&N - Inter-Organizational Relationships and Networks Research Group GERIR/UNB	<ul style="list-style-type: none"> - Rede Organizacional - Redes Interorganizacionais - Economia Geográfica
NORI - Núcleo de Gestão de Operações e Relações Interorganizacionais/ UNIP	<ul style="list-style-type: none"> - Economia Geográfica - Rede Organizacional

Quadro 03: Grupos e Perspectivas das Teorias de Redes

Fonte: elaborado pelas autoras (2016)

O Quadro 03 demonstra um breve resumo dos grupos aqui pesquisados. Fica claro pelas teorias que os grupos trabalham diversamente, usando perspectivas diferentes, conforme as definições de Araujo e Easton (1996). O quadro também evidencia que praticamente todas as perspectivas dos autores são usadas com mais ou menos

intensidade, algumas sendo mais populares, como Redes Interorganizacionais, Redes Sociais e Economia Geográfica.

Pelo quadro é possível afirmar rapidamente que nenhum grupo utiliza apenas uma teoria, porém alguns grupos, como o NORI - Núcleo de Gestão de Operações e Relações Interorganizacionais da UNIP, apresentam um foco mais específico

utilizando duas ou três perspectivas em seus estudos. No entanto, a maioria dos grupos utiliza diversas teorias concomitantemente em seus estudos ou mesmo em estudos diferentes, fato talvez devido ao número de pesquisadores nos grupos, permitindo que esses estendam as perspectivas usadas através de diferentes olhares dos pesquisadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar os conceitos utilizados por grupos de pesquisa brasileiros, que pesquisam sobre redes, conforme diferentes abordagens da teoria de redes, utilizando como base para fornecer as categorias a serem classificadas nas publicações, as perspectivas teóricas do estudo de Araujo e Easton (1996).

Dos 101 artigos aqui analisados, ainda que não se tenha como objetivo quantificar as teorias, pode-se concluir que houve uma boa divisão dos estudos entre as abordagens propostas pelos autores de base. Durante a leitura, muitos dos artigos podiam ser encaixados em mais de uma teoria, já que estas não são mutuamente excludentes e muitas vezes até se complementam nos estudos de redes. Os grupos abordados, devidamente cadastrados no CNPQ, tiveram seus artigos do período de 2013 a 2015 selecionados para leitura e classificação.

Afiliado à UNISINOS está o Grupo GeRedes, cuja produção pode ser classificada com foco em Redes Inteorganizacionais, porém o grupo tem publicações que trabalham com as abordagens de Redes de Inovação, Redes Sociais, Redes Organizacionais, Redes Políticas e Redes Industriais, principalmente, com pesquisas empíricas que utilizam essas abordagens como teorias para analisar as redes.

O Grupo Núcleo de Pesquisas em Redes, da UFSM, trata principalmente a abordagem de Redes Interorganizacionais, ainda que tenha estudos também utilizando as perspectivas de Redes Industriais e Redes Sociais.

Juntamente da UNIP, o Grupo Redes de Negócios: novos conceitos para novas formas de administrar tem em seus artigos publicados uma prevalência do tema Redes Sociais, porém também constam estudos que utilizam a abordagem de Redes Organizacionais, Economia Geográfica e Redes Interorganizacionais.

O Grupo Análise de Redes Organizacionais da USCS, entre suas teorias analisadas, utiliza principalmente para embasar seus estudos as Redes Sociais e Redes Organizacionais, contando ainda em suas teorias estudadas a Economia Geográfica.

Na UFLA há o Grupo de Estudos em Redes, Estratégia e Inovação - GEREL, cujos estudos empíricos parecem não ter um único foco, ou mesmo alguma teoria que se destaque muito mais que as outras. O grupo tem estudos em teorias variadas, distribuídos de forma quase homogênea em Redes de Inovação, Redes Sociais, Redes Organizacionais, Redes Políticas, Economia Geográfica e Redes Interorganizacionais.

Chamado de IOR&N - Inter-organizational Relationships and Networks Research Group - GERIR, junto da UNB, esse grupo estuda principalmente temas que se encaixam na perspectiva de Redes Organizacionais e Redes Interorganizacionais, além de estudos em Redes Sociais e Economia Geográfica.

E o NORI - Núcleo de Gestão de Operações e Relações Interorganizacionais da UNISC teve estudos relacionados com as

abordagens de Economia Geográfica e Redes Organizacionais.

Com essa análise é possível concluir que, dentro das 10 abordagens de redes propostas por Araujo e Easton (1996), existem diversos estudos brasileiros e é possível dizer que os grupos de pesquisa dominam o tema devido à quantidade de estudos que propiciam um maior conhecimento. Também é possível concluir que alguns temas são recorrentes em quase todos os grupos, podendo ser compreendidos como temas de interesse em comum, sugerindo que possíveis parcerias de estudo e pesquisas podem ser profícuas para os grupos de pesquisa no Brasil, como: Redes Sociais (presente em estudos de 5 dos 7 grupos); Redes Organizacionais (presente em 6 dos 7 grupos); Redes Interorganizacionais (presente em 5 dos 7 grupos); e Economia Geográfica (presente em 5 dos 7 grupos). E ainda, das teorias abordadas, algumas foram raras ou mesmo aparentemente não foram percebidas na análise aqui realizada como: Redes Políticas, Teoria Ator-Rede, Estudos de Empreendedorismo e Redes de Estudos Comparativos. Esta última sendo compreendida geralmente como comparação entre redes de culturas diferentes, principalmente entre Oriente e Ocidente, demonstra que existem poucos estudos que façam a relação ou comparação entre as redes existentes no Brasil e as redes existentes em outros países, ainda que boa parte das teorias e estudos teóricos utilizados decorrem de

autores estrangeiros e ainda existam poucos teóricos e muito recentes estudos no país.

Este estudo foi limitado pelo tempo de recorte, buscando viabilizar a análise e também manter o tema dentro dos estudos atuais e grupos que estivessem ativos no período mais recente; limitado pela própria análise teórica, feita através das lentes dos autores, embasada por um estudo único; limitado pelo acesso aos artigos publicados e pela própria manutenção de informações atualizadas dos grupos de pesquisa e da dependência dos pesquisadores manterem seus currículos lattes atualizados. Além disto, encontramos no estudo limitações devido ao número de pesquisadores envolvidos em mais de um programa de pesquisa, consequentemente reduzindo alguns grupos que poderiam ser relevantes; bem como a teoria utilizada para avaliação deste artigo, através da perspectiva de Araujo e Easton (1996).

Sugere-se que novos estudos sejam realizados, talvez dentro da teoria das Redes Sociais, verificando os laços que unem os grupos de pesquisa através de suas publicações, também sugerindo que os grupos utilizem as perspectivas de abordagens aqui analisadas, através da descrição de Araujo e Easton (1996), para buscar novas parcerias de pesquisas entre esses grupos, propiciando uma grande troca de informações e conhecimento entre os grupos.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. N.; ZAMBERLAN, T; QUATRIN, D. R. Configuração dos relacionamentos entre produtores agropecuários e cooperativas. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 8, n. 2, p. 106-125, abr./jun. 2014.

ALVES, J. N.; PEREIRA, B. A. D.; KLEIN, L. L.. Avanços e tendências nos relacionamentos interorganizacionais: um paralelo entre estudos brasileiros e internacionais. **REGE**, v. 20, n. 01, p. 03-20, jan.-mar., 2013.

- ARAUJO, L.; EASTON, G. Networks in socioeconomic systems: a critical review. IN: D Iacobucci, **Networks in Marketing**, Thousand Oaks, Sage, 1996.
- BALESTRIN, A., VERSCHOORE, J. **Redes de cooperação empresarial: estratégias de gestão na nova economia**. Porto Alegre: Bookman, 2008.
- BALESTRIN, A.; VERSCHOORE, J. R. S. Réplica - Redes são Redes ou Redes são Organizações? **RAC**, v. 18, n. 4, pp. 523-533, Jul./Ago. 2014.
- BALESTRIN, A., VERSCHOORE, R., REYES JR., E. O campo de estudo sobre redes de cooperação interorganizacional no Brasil. **Revista de Administração Contemporânea**, vol. 14, n. 3, 2010.
- BEGNIS, H.S.M.; PEDROZO, E.A.; ESTIVALETE, V.F.. Relacionamentos de Mercado e Parcerias de Longo Prazo sob a Ótica da Formação de Valor: o caso da cadeia produtiva do leite no Rio Grande do Sul. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 17, n. 4, p. 445-460, 2015.
- BERTÓLI, N. C.; GIGLIO, E. M.; RIMOLI, C. A. Interfaces teóricas na estruturação de uma rede: proposta e aplicabilidade no agronegócio paranaense. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 16, n. 4, ed. especial, p. 450-465, dez. 2014.
- BIERMANN, F.; MICHELE M. BETSILL, M. M.; GUPTA, J.; KANIE, N.; LEBEL, L.; LIVERMAN, D.; SCHROEDER, H.; SIEBENHÜNER, B.; ZONDERVAN, R. Earth system governance: a research framework. **International Environmental Agreements: Politics, Law and Economics**, v. 10, n. 4, p. 277-298, 2010.
- BORGATTI, S.P.; CROSS, R. A Relational View of Information Seeking and Learning in Social Networks. **Management Science**, v. 49, n. 04, p. 432-445, 2003.
- BORTOLASO, I. V.; VERSCHOORE, J. R. S.; ANTUNES JR.; J. A. V. Práticas de gestão de redes de cooperação horizontais: proposição de um modelo de análise. **Contabilidade, Gestão e Governança**, v. 16, n. 3, p. 3-16, set./dez. 2013.
- BRAND, F. C.; VERSCHOORE, J. R. S. A utilização de medidas de análise de redes sociais nas pesquisas em administração. **Revista Economia & Gestão**, v. 14, n. 35, abr./jun. 2014.
- BRASS, D.; GALASKIEWICZ, J.; GREVE, H.; TSAL, W. Taking Stock of Networks and Organizations: A Multilevel Perspective. **Academy of Management Journal**, v. 47, n. 6, p. 795-817, 2004.
- BRITTO, J. Cooperação interindustrial e redes de empresas. In: KUPFER, D.; HASENCLEVER, L. **Economia industrial: fundamentos teóricos e práticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BROWN, C.; LINDEN, G. **Chips and change: how crisis reshapes the semiconductor industry**. Cambridge: MIT Press, 2011.
- BROWN N.; SZEMAN, I. What is the multitude? Questions for Michael Hardt and Antonio Negri. **Cultural Studies**, v. 19, n. 3, p. 372-387, 2005
- CABRAL, P. M. F.; CAMARGO, F. F. A.; VERSCHOORE, J. R. S. Liderança coletiva nas redes entre pequenas empresas: Um estudo na rede Centersul de Mato Grosso. **Diálogo**, n. 25, p. 09-24, abr. 2014.
- CALLON, M. Actor-Network theory - the market test. **The Sociological Review**, v. 47, n. S1, p.181-195, 1999.
- CAMARGO, F.; VERSCHOORE, J. R. S.; PADILHA, L. A dinâmica estrutural da gestão Interorganizacional: o papel do gestor sob a perspectiva da análise de redes sociais. **Revista Base**. v. 10, n. 1, Jan./Mar., 2013.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COSTA, H.A.; GONÇALVES, J.S.; HOFFMANN, V.E.. Cooperação entre micro e pequenas empresas de hospedagem como fonte de vantagem competitiva: estudo dos albergues de Belo Horizonte (MG). **Revista Turismo - Visão e Ação**, v. 16, n. 1, Jan/Abr, 2014.

- DENG, P. Applying a market-based approach to the development of a sharing-enabled KM model for knowledge-intensive small firms. **Information Systems Management**, v. 25, n. 2, p. 174-187, 2008.
- ENGELMAN, R.; NAGEL, T.; WEGNER, D. Redes horizontais associativas e consórcios: um estudo comparativo na associação brasileira de empresas de componentes para couro, calçados e artefatos (Assintecal). **Gestão Contemporânea**, ano 10, n. 14, p. 119-142, jul./dez., 2013.
- FACCIN, K.; BALESTRIN, A. Práticas colaborativas em P&D: Um estudo na indústria brasileira de semicondutores. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, v. 16, n. 6, Edição Especial, p. 190-219, Nov./Dez., 2015.
- FELICIO MACEDO, F.M.; ANTONIALLI, L.M.. Estudo Fenomenológico Social da Ação Estratégica em um Arranjo Produtivo Local Moveleiro. **Revista Ibero Americana**, v. 12, n. 3, Jul./Set., p.93-124, 2013.
- GALKINA, T. Causation and Efectuation in the Process of Entrepreneurial Networking. **Frontiers of Entrepreneurship Research**, V.33, n. 07, 2013.
- GARAY, N.; SANTANA, L.; COSTA, H.. Cooperação e Sustentabilidade no Setor Turístico: estudo sobre Micro e Pequenas Empresas de Cavalcante (GO, Brasil). **Cenário**, v. 3, n. 5, Dez., p.173-191, 2015.
- GIGLIO, E. M.; CARVALHO, M. F. As transformações das redes de negócios de turismo na perspectiva da Teoria social: o caso da vila de Paranapiacaba - SP. **Turismo e Análise**, v. 24, n. 2, ago. 2013.
- GIGLIO, E. M.; GAMBA, J. R. Análise de cooperativas habitacionais a partir dos fatores estruturantes da sociedade em rede. **REGE**, v. 22, n. 1, p. 3-19, jan./mar. 2015.
- GIGLIO, E. M.; LUIZ, A. J. B.; NAJBERG, E. As relações sociais como fatores determinantes na rede de implementação de políticas ambientais rurais: Investigação a partir de alguns municípios do estado de São Paulo. **Desenvolvimento em Questão**, ano 11, n. 24, set./dez., 2013.
- GIGLIO, E. M.; ONUSIC, L. M.; MENDES-DA-SILVA, W. Determinantes Sociais da Rede de Colaboração entre Pesquisadores de Finanças no Brasil. **Desenvolvimento em Questão**, ano 13, n. 30, abr./jun., 2015.
- GIGLIO, E. M.; SILVA, R. M.; BIGAS, W. Redes de projetos temporários: dinâmica das relações sociais. **Rev. Ciênc. Admin.**, v. 20, n. 2, p. 604-632, jul./dez. 2014.
- GONÇALVES, R. G.; GIGLIO, E. M. Governança em rede de negócios no ambiente virtual: o relacionamento entre os atores e sua dinâmica. **Revista Acadêmica da Faculdade Fernão Dias**, ano 2, n. 4, jun., 2015.
- GRANDORI, A.; SODA, G.. Inter-firm Network: antecedents, mechanisms and forms. **Organization Studies**, vol.16, n. 2, 1995.
- GRANOVETTER, M. S. The Strength of Weak Ties. **American Journal of Sociology**, vol. 78, n. 6, 1973.
- GRAY, B.; WOOD, J. Collaborative alliances: Moving from practice to Theory. **Applied Behavioral Science**, v. 27, 1991.
- GULATI, R. Silo Busting: Transcending Barriers to Build High Growth Organizations. **Harvard Business Review**, v. 85, n. 5, p. 98-108, 2007.
- HAKANSSON, H.; SNEHOTA, I. **Developing Relationships in Business Networks**. London: Routledge, 1995.
- HARDT M.; NEGRI, A. **Multitude: War and Democracy in the Age of Empire**, New York: Penguin, 2004.
- HERNANDES, J. L. G.; GIGLIO, E. M. Os fatores sociais e de dependência de recursos com condicionantes da emergência de redes de negócios: discussões a partir do caso da rede de São Roque. **Gestão & Planejamento**, v. 15, n. 2, p. 261-282, maio./ago. 2014.

- HOFFMANN, V. E.; CAMPOS, L. M. S.. Instituições de Suporte, Serviços e Desempenho: um Estudo em Aglomeração Turística de Santa Catarina. **RAC**, v. 17, n. 1, art. 2, p. 18-41, Jan./Fev. 2013
- JARILLO, C. On strategic networks. **Strategic Management Journal**, v. 9, p. 31-41, 1988.
- KLEIN, L. L.; PEREIRA, B. A. D. Compreendendo a integração interorganizacional: quais as mudanças que ocorrem na empresa devido a sua entrada em Uma rede? **Revista Gestão e Planejamento**, v. 14, n. 3, p. 560-579, set./dez. 2013.
- KLEIN, L. L.; VIEIRA, K. M.; PEREIRA, B. A. D. Aspects influencing companies to leave interorganizational networks: a multifactorial analysis. **Business and Management Review**, Special Issue, v. 4, n. 12, May, 2015.
- LATOUR, B. **Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory**. Oxford: Oxford UP, 2005.
- MARCON, C.; MOINET, N.. **Estratégia-Rede**. Caxias do Sul: EDUCS. 2000.
- MEIRELLES, C. L.; SACOMANO, J. B.; TELLES, R.; SIQUEIRA, J. P. L. Gestão de pessoas nas pequenas e médias empresas: mapeamento das redes informais, internas nas organizações, como ferramenta de recursos humanos. **Espacios**, v. 35, n. 5, p. 16, 2014.
- MENARD, C. The economics of hybrids organizations. **Journal of institutional and theoretical economics**, p. 345-376, 2004.
- MILES, R.; SNOW, C. Organizations: new concepts for new forms. **California Management Review**, vol. 28, n. 2, 1986.
- NOHRIA, N.; ECCLES, R. G. **Networks and organizations: Structure, form, and action**. Boston: Harvard Business School, 1992.
- OLIVEIRA, N.; SILVA, M.L.; CASTRO, C.C.. As contribuições de Heider e Lévi-Straus para a teoria da grupabilidade: uma reflexão à luz da estrutura das relações de redes de empresas. **Revista de Psicologia**, ano 8, no. 22, p. 202-215, Fev./2014.
- PADILHA, L. G. O; VERSCHOORE, J. R. S. **Ambiente & Sociedade**. v. XVI, n. 2, p. 153-174, abr.-jun. 2013.
- PEREIRA, B. A. D. **Estruturação de relacionamentos horizontais em rede**. 2005. 219 f. Tese (Doutorado em Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- POPP, J.; MILWARD, H. B.; MACKEAN, G.; CASEBEER, A.; LINDSTROM, R. Interorganizational networks: a critical review of the literature to inform practice. Washington, DC: IBM's Business of government center, 2014.
- PROVAN, K. G.; FISH, A.; SYDOW, J.. Interorganizational Networks at the Network Level: a Review of the Empirical Literature on Whole Networks. **Journal of Management**, vol. 33, p. 479, 2007.
- PROVAN, K.; KENIS, P. Modes of network governance: Structure, management and effectiveness. **Journal of Public Administration Research and Theory**, 18, n.2, p. 229-252, 2007.
- QUATRIN, D. R.; PEREIRA, B. A. D. A operacionalização da expansão de associados em um caso de rede interorganizacional. **Pensamiento & Gestión**, n. 36, p. 237-264, 201, 2014.
- SAENGER-SILVA, J. C.; VERSCHOORE, J. R. S. Network of networks: a governance framework to integrate cooperation networks. **Business and Management Review**, Special Issue, v. 4, n. 5, Jan., 2015.
- SCHERER-WARREN, I. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- SCHMIDT, S.; BALESTRIN, A. Projetos colaborativos de P&D em ambientes de incubadoras e parques científico-tecnológicos: teorizações do campo de estudo. **Revista de Administração e Inovação**, v. 11, n. 2, p. 111-131, abr./jun. 2014.

- SCHIMITT, A.; ALIEVI, R.M. O Arranjo Produtivo Leiteiro Inserido no Arranjo Produtivo Alimentício da Região do Vale do Taquari – RS. **Revista Estudos do CEPE**, n. 38, p. 207-226, Jul./Dez., 2013.
- SHIH, W.; PISANO, G.; KING, A. A. Radical collaboration: IBM microelectronics joint development alliances. **Harvard Business School Case**, p. 608-121, may. 2008.
- SILVA, C.C.; TAVARES, B.; SILVA, J.N. Ações Públicas para Promoção de Aglomerações Produtivas: o caso do APL de Velo Horizonte, Juiz de Fora e Uberlândia. **Desenvolvimento Regional em Debate**, v. 5, n. 1, p. 70-87, jan./jun., 2015.
- SIQUEIRA, J. P. L. DE; TELLES, R. Atributos e imagem dos clusters de negócios varejistas. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 15, n. 2, p. 29-49, mai./ago. 2015.
- SIQUEIRA, J. P. L. DE; TELLES, R.; ROCCA, M. E.; GASPAS, M. A. Clusters varejistas: características responsáveis pela atração e afastamento de consumidores. **E&G Economia e Gestão**, v. 15, n. 38, Jan./Mar. 2015.
- SOUZA, L. J.; ALSSABAK, N. A. M.; MACAU, F. R.; CUNHA, J. A. C.; PEREIRA, C. E. C. A influência dos aspectos sociais na competitividade das redes interorganizacionais: a experiência da rede dos exportadores de frango Halal brasileiro. **Future Studies Research Journal**, v. 7, n. 1, p. 57-80, Jan./Jul., 2015.
- SOUZA, P.A.R.; FARINA, M.C.; COSTA, C.O.; SILVA, A.S.; ROMEIRO, M.C.. Relações sociais no setor de cama & café em Paratins na Amazônia: uma perspectiva com base nas análises de redes sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v.8, n.1, p. 145-160, jan./mar., 2014.
- SYDOW, J. Network development by means of network evaluation? - Explorative insights from a case in the financial services industry. **Human Relations**, v. 57, v. 02, p. 201-220, 2004.
- TEIXEIRA, C.A.C.; GASPAS, M.A.; FARINA, M.C.. Influência do Poder Coercitivo em Redes de Empresas. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 7, n. 4, Out./Dez., 2015.
- TELLES, R.; SIQUEIRA, J.P.L.; DONAIRE, D.; GASPAS, M.A.. Atratividade em Clusters Comerciais: um Estudo Comparativo de Dois Clusters da Cidade de São Paulo. **Gestão & Regionalidade** - Vol. 29 - Nº 85 - jan-abr/2013.
- TUNU, M. P.; FARINA, M. C.; SILVA, A. S.. Description of a Cosmetic Consultant's Network through Direct Selling in Retail from the Perspective of Social Network Analysis. **Business and Management Review**, v. 4, n. 5, Jan., p.471-480, 2015.
- UZZI, B. Social Structure and Competition in Interfirm Networks: The Paradox of Embeddedness. **Administrative Science Quarterly**, v. 42, p. 35-67, 1997.
- VASUDEVA, G.; ZAHEER, A.; HERNANDEZ, E. The Embeddedness of Networks: Institutions, Structural Holes, and Innovativeness in the Fuel Cell Industry. *Organization Science*, v. 24, n. 3, p. 645-663, May-June, 2013.
- VENTURINI, J. C.; KLEIN, L. L.; PEREIRA, B. A. D. Factors Influencing the Dissolution of Interorganizational Networks. **Business Management Review (BMR)**, v. 5, p. 337-348, 2015.
- VERDU, C. F.; REINERT, M. Inter-organizational Relationships Networks in Internationalization Process of Exporting Companies. **Revista de Negócios**, v. 20, n.3, p. 7-15, Julho, 2015.
- VERSCHOORE F. J. R. S. Redes de cooperação: concepções teóricas e verificações empíricas. In: VERSCHOORE FILHO, J. R. S. (org.) **Redes de cooperação: uma nova organização de pequenas e médias empresas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FEE, 2004.
- VERSCHOORE, J. R. S.; BORELLA, L.; BORTOLASO, I. V. Towards a framework for crowdsourcing process management: evidences from Brazilian leading experts. **Journal of Business and Economics**, v. 6, n. 1, p. 187-203, Jan., 2015.
- WEGNER, D.; DE ROSSI, G.; SCARANO, T. F. A dinâmica da cooperação: um estudo longitudinal em redes empresariais do setor moveleiro. **CONTEXTUS Revista Contemporânea de Economia e Gestão**. v. 12, n. 1, p. 111-137, jan/abr, 2014.

WEGNER, D.; ALIEVI, R. M.; KOETZ, C. I.; ANGNES, D. L.. O dilema do arranjo produtivo local do tabaco no vale do Rio Pardo. **Revista ALCANCE Eletrônica**, v. 21, n. 01, jan.-mar., 2014.

WILLIAMS, T.. Cooperation by design: structure and cooperation in interorganizational networks. **Journal of Business Research**, vol. 58, p. 223 -231, 2005.

WILLIAMSON, O. E. **The economic institutions of capitalism: firms, markets, relational contracting**. New York: Free Pres, 1985.

NOTA

(1) Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Redes da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM.

(2) Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Graduada em Administração pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/UNIJUÍ. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Redes da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM.

Enviado: 04/09/2016

Aceito: 03/04/2017